



Realismo Lírico

Sergio Buarque de Holanda

HÁ cerca de dois anos, no volume que escreveu para a grande "História da Literatura Brasileira" da Livraria José Olímpio, a sra. Lucia Miguel Pereira não duvidara em apresentar o escritor cearense Manuel de Oliveira Paiva como "uma das mais autênticas vocações de ficcionista e sobretudo de narrador que possuímos".

Entraria nesse elogio caloroso mais do que o reflexo de uma satisfação pessoal que quer ser contagiosa — satisfação de descobridor empenhado em valorizar o alcance do próprio descobrimento? Tendo conseguido exumar, não há muitos anos, toda uma novela perdida de Machado de Assis, dir-se-ia que a notável pesquisadora adquirira o hábito e o gosto destes achados. Tratava-se agora de revelar, não uma simples novela, mas ainda um verdadeiro novelista, que ignorado, embora, das gerações atuais e mal conhecido dos próprios contemporâneos e conterrâneos, ajuda a melhor compor uma das fases significativas de nossa prosa de ficção e pode, eventualmente, "alterar a hierarquia" da literatura brasileira.

De acaso em acaso chegara ela a fixar em alguns dos seus traços mais salientes, a personalidade e vida de Manuel Paiva. Primeiramente chamaram-lhe a atenção, no curso de pesquisas preparatórias do livro, algumas páginas impressas em 1897 na *Revista Brasileira*. A revista, prestigiosa embora, e amparada por nomes dos mais ilustres, viria a morrer poucos números depois, deixando interrompida a publicação da novela.

No entanto, os capítulos impressos já pareciam o suficiente para denunciar uma obra incomum em nossa literatura, especialmente em nossa literatura da época. A linguagem admiravelmente pessoal, a escolha de certos epítetos tirados ao vocabulário regional, e que no caso serviam menos para ornamentar, ou para forçar o colorido pitoresco do que para fazer mais

sensível o significado — como naquela descrição do dono da Fazenda do Poço, onde se observa que "tinha o preto do olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhante um taurú" — a arte sutil com que sabe associar ao realismo de certas cenas um cunho intensamente poético, revelaram-lhe, sem deixar margem a dúvida, o escritor de boa raça.

A nota de Antonio Sales apresentando a novela aos leitores da *Revista Brasileira*, onde se acentua o anticonvencionalismo do autor, que todavia nunca se preocupara em armar efeito, pois, no seu caso, para ser original "bastaria que fosse natural"; algumas poucas indicações bio-bibliográficas apanhadas no Sacramento Blake serviam antes para aguçar do que para contentar a curiosidade despertada por Manuel de Oliveira Paiva.

Por esses dados ficava-se sabendo que, nascido em Fortaleza a 12 de julho de 1861, ele estudara a princípio no Seminário do Crato e em seguida na Escola Militar, do Rio de Janeiro. Atacado de tuberculose, vê-se obrigado, porém, a abandonar o curso. De volta à província, envolve-se logo na campanha abolicionista e depois na campanha republiana. Funda



um jornal e publica algumas crônicas políticas. As poesias, os contos, as novelas, os folhetins que pela mesma época escreve, só terão despertado a atenção de um pequeno círculo de amigos; do contrário explica-se mal a ausência de seu nome em resenhas contemporâneas das letras cearenses. Com o advento do novo regime envolve-se ainda mais na política ativa, tornando-se secretário do governo do Ceará. Agravando-se, porém, seu estado de saúde, teve de abandonar essas atividades e rumar para o sertão. Antes de estas buscas, Lucia Miguel Pereira morrer, aos trinta e um anos de idade, tem ainda tempo de escrever todo o romance de que a *Revista Brasileira* irá publicar os capítulos iniciais.

O restante da obra estaria possivelmente perdido, para sempre, se um escritor de gosto apurado e exemplar zelo literário — Américo Facó — não tivesse guardado entre as preciosidades de sua indito que Antonio Sales legara. A sorte quis, que, em suas constâncias fosse afinal bater à porta certa. E que seu vivo interesse pela novela, expresso no capítulo que lhe dedicou do volume XII, único até aqui publicado, da *História da Literatura*, também se comunicasse a um editor paulista que preparava o lançamento de uma coleção de "Romances do Brasil".

A publicação de *Dona Guida do Poço* (Edições Saraiva, São Paulo, 1952), passados sessenta anos desde a morte de Oliveira Paiva, justificará ou não o juízo crítico favorável que mereceu de Lucia Miguel Pereira. Pessoalmente creio com ela que nos achamos realmente em face de uma vocação de ficcionista excepcional no Brasil. Se seu livro não escapa sempre aos gostos e mesmo a alguns cacoetes da literatura da época em que viveu e escreveu, sua contribuição original, independente das contingências do tempo, ainda é suficientemente poderosa para assegurar-lhe uma larga vitalidade. E como, por força das circunstâncias, essa contribuição não pôde ser conhecida, assimilada, ou absorvida pelas gerações imediatas, o resultado é que se situa de certo modo à margem de nossa evolução literária. Escrito em 1891 ou 92, este livro pôde conservar-se até hoje isento da pátina do tempo. Publicado em 1952, não pertence aos nossos dias.

A maneira de tantos "naturalistas", ele se detém não só em criar tipos humanos bem definidos como em descrever os ambientes que envolvem e, de algum modo, explicam esses tipos. A paisagem natural acha-se tão presente no seu livro como as personagens. Mas sua especialidade está em que essa paisagem não existe nunca, ou quase nunca, por si mesma. Não serve de simples decoração exterior, mas quer prolongar e frisar os estados de alma ocasionais das criaturas humanas. O espetáculo visível vem, assim, animado pela ênfase subjetiva que o domina e empolga.

O recurso não constituía novidade, pois vamos encontrá-lo entre outros escritores, mesmo brasileiros e anteriores a Oliveira Paiva, mas aparece aqui com tal constância e, por outro lado, aplicado muitas vezes com tão discre-

REALISMO...

(Conclusão)

to artifício, que bem serve para caracterizar sua fisionomia de novelista. O interesse humano continua a presidir sobre todas as coisas, mesmo onde os homens cessam de falar ou agir para deixar transparecer o fundo de quadro onde se move o drama sertanejo.

No mundo inanimado, nas plantas do mato, nas rezes, nas avoantes, parece escrito o que palavras não podem dizer. De onde a importância particular desses aspectos paisagísticos, cheios de cor e cheios de graça, que aparecem intermitentes através de toda a obra. É essa espécie de calor humano o que impregna e anima, por exemplo, o espetáculo emoldurado pela janela da casa do Poço, quando a Guida se revelam mais nítidos, os primeiros sinais de um amor perigoso e trágico. "Das serrotas de Papagaio e do Batista ela via subir, cor de brasa, cor de laranja, cor de saudade, roxa, toda embebida nos vapores matutinos, a luz diurna, que ia clarear mais doze horas de ausência. Outras manhãs, olhava, estava escuro para o sertão, onde a chuva caía longínqua; e o dia vinha por um céu cor de pedra de escrever, com umas pinceladas vermelhas, imensas, que acabavam cor de algodão maçaco, e choviscando grosso..."

E mais tarde, aos sentimentos do marido ulcerado, a visão noturna e lúgubre do riacho Ipueirinha com suas escarpas parece dar o timbre de uma fatalidade cósmica, inelutável e velha como o tempo: "Aqui eram altos e baixos, rocha nua e espantada, escavada, matos retorcidos, balseados, toda a muda história secular e até milenária das erosões gigantescas, das grandes águas, dos grandes rios. Malacacheta a formigar à face da rocha e da piçarra; um belo pedaço de noite, com a claridade azulina da lua em forma de foice".

Sua fidelidade aos aspectos regionais que trata de reproduzir menos como desenhista do que como colerista não se contenta em dar-nos simples retratos da vida real, ainda quando algumas das suas passagens tenham feição e valor de documentário (o trecho, por exemplo, do livro quarto, onde se pinta uma vaquejada). O mundo que rodeia suas personagens é ao mesmo tempo, um espelho da existência íntima. E o simples realismo vê-se assim prolongado e sublimado em lirismo. É este o traço dominante na obra de Oliveira Paiva, que lhe garante uma posição singular entre os escritores brasileiros de seu tempo, e um lugar de realce no conjunto de nossa história literária.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625.

(Conclui na 6.ª página)

